



BOLETIM DA CAPELANIA

Setembro de 2012



Ano da Fé

Que a fé – cristã ou outra – tem consequências sociais, culturais, políticas, é evidente. Basta pensar no Islão, ou no mundo ocidental, cujos princípios democráticos derivam, sem dúvida, dos conceitos de igualdade e dignidade humanas, fruto da fraternidade evangélica. Que a fé cristã tenha servido de ideologia do poder («A religião do rei é a religião do país»), apesar da clara distinção estabelecida por Cristo («A César o que é de César e a Deus o que é de Deus»), compreende-se por falta de «Constituições» que orientassem com equilíbrio e respeito as governações civis. Mas que os cristãos – e quaisquer outros crentes – se sintam na obrigação de contribuir com os seus valores para a boa ordem social, ou bem comum, é natural e justo.

O «Ano da Fé», porém, proclamado por Bento XVI e a começar no 50º aniversário do início do Concílio Vaticano II, a 11 de outubro, destina-se acima de tudo a fortalecer a vida de fé dos católicos. O Santo Padre di-lo com toda a clareza logo no 2º parágrafo do documento proclamatório, «Porta Fidei» («Porta da Fé», referindo-se ao Batismo): «Sucede muitas vezes que os cristãos sentem maior preocupação com as consequências sociais, culturais e políticas da fé do que com a própria fé». Repete quase textualmente o que nos disse, aos portugueses, no Terreiro do Paço: «Muitas vezes, preocupamo-nos afanosamente com as consequências sociais, culturais e políticas da fé, dando por adquirido que a fé existe, o que é cada vez menos realista (...). Mas que acontece se o sal se tornar insípido?».

Os primeiros cristãos não defendiam nenhum programa sócio-político, nem sonhavam sequer – até ao século IV – que alguma vez o Império se tornasse cristão. Tornou-se, simplesmente por eles viverem a sério a sua fé. Mas não era para isso que davam a vida por Cristo. Davam-na, porque queriam viver eternamente com Ele. E a meta de hoje deve ser a mesma de ontem. E assim acontece, de facto, em tantos países onde os cristãos são perseguidos de morte. Contudo, entre nós, a maior parte dos cristãos não conhece bem a sua fé, nem se interessa por isso. Menos ainda por vivê-la. O «sal tornou-se insípido». Não é pessimismo; é realismo, diz-nos o Santo Padre. Pessimismo seria resignar-nos à insipidez.

Pe. Hugo de Azevedo